

PAUL ~~OS~~ **Questão de coragem**

auc

Rio de Janeiro

Corrupção e poltronaria. Tilintar de ouro e retinir de coporas. Por tais tons e sons marcou-se a votação da Constituinte, sobre sistema de governo e prazos de mandatos presidenciais. Que houvesse maioria presidencialista, nada demais; que um número superior de deputados e senadores preferisse, por um motivo ou por outro, a opção quinquenalista, ainda bem. Infame é que o mesmo plenário que, há 15 dias, pendia maciçamente para o parlamentarismo e o mandato de quatro anos virasse a votação, ao influxo das ameaças de generais blefadores e de passagens no caixa.

Sem dúvida, entre os vitoriosos, há quem tenha defendido princípios, pontos de vista amadurecidos, e exercido com decência a missão que lhes confiou o eleitorado. Mas delas jamais viria a vitória, até porque, nas hostes dos que mais se bateram pela fórmula presidencial (e não apenas presidencialista) havia chefes de pequenas bancadas, como Brizola e Lula, e simples companheiros eventuais de jornada do beneficiário da crise visceral de Tancredo. Na feira de favores e no exibicionismo das ameaças decidiu-se o pleito.

Uma Constituinte que, em assuntos fundamentais, gira como biruta de aeroporto merece tudo, menos respeito. E a consequência mais profunda do que aconteceu anteontem é, pois, a maior desmoralização institucional do Executivo corrupto e do Legislativo corrompido, o desconjuntamento dos partidos, a subida à superfície da vaza de fundo, pestilenciando o

ambiente. A batalha girou em torno de uma figura menor, cúmplice de 20 anos de ditadura e autoritarismo, nocivo obstáculo individual à democratização do país. Venceu o Clubão e, simbolicamente, a emenda que lhe consagrou o triunfo teve como primeiro signatário o senador Humberto Lucena, ás do nepotismo.

Ulysses Guimarães, embora contrariado em suas ambições imediatas, foi um agente decisivo do que sucedeu, por sua cumplicidade operacional com Sarney, a quem abriu os espaços de interferência na Assembléia, cujas decisões foi tramar nos gabinetes militares. A questão do sistema não era, nem é, a principal. Livrar-se de um presidente incapaz e inconfiável, eis a questão. O projeto parlamentarista, condenavelmente subtraído ao julgamento popular, embora desconexo e mal apresentado, condicionava o mandato. Vencido um, ruiria o outro, como se deu finalmente.

Haverá ou não coragem política, dentro do PMDB, para romper com esse mecanismo que se tornou imprestável e fundar outra organização, que se disponha a resistir ao autoritarismo rampante e promover a grande reforma social que passará, necessariamente, pela mudança da Constituição que nos querem legar? Da resposta à pergunta decorrerá a quota de sofrimento, maior ou menor, que suportará o país no próximo período. Newton Rodrigues

2 MAR 1988